

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE BIBLIOTECONOMIA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA**

**Rubemar Loureiro Gondim de Oliveira**

**Formação do Leitor: de quem é essa função?**

**ORIENTADORA: Prof. Esp. Francisca de Assis de Souza**

**NATAL/ RN  
2008**

**Rubemar Loureiro Gondim de Oliveira**

## **Formação do Leitor: de quem é essa função?**

Monografia apresentada à Disciplina Monografia, do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, ministrada pelas Prof<sup>as.</sup>: Maria do Socorro de Azevedo Borba, e Renata Passos Filgueira de Carvalho, e orientada pela professora Francisca de Assis de Souza, para fins de avaliação e conclusão de curso.

**Rubemar Loureiro Gondim de Oliveira**

## **Formação do Leitor: de quem é essa função?**

Monografia apresentada à Disciplina Monografia, do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, ministrada pelas Prof<sup>as.</sup>: Maria do Socorro de Azevedo Borba, e Renata Passos Filgueira de Carvalho, e orientada pela professora Francisca de Assis de Souza, para fins de avaliação e conclusão de curso.

Monografia Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2008

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup> Francisca de Assis Souza  
(orientadora)

---

Prof<sup>a</sup> Mestre Maria do Socorro de Azevedo Borba  
( Prof<sup>a</sup> da Disciplina)

---

Prof<sup>a</sup> Terezinha Anibas da Cunha  
(Membro)

Dedico essa conquista primeiramente a Deus  
que é o Doador e Mantenedor da vida.

A minha esposa Roseli e a minha filha Rosane  
que têm compartilhado comigo de todos os momentos da vida,  
inclusive disponibilizando do tempo que deveria ser  
dispensado a elas para que esse trabalho se consolidasse.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por me conceder o dom da vida e a coragem para continuar, até a consolidação desse objetivo.

A minha Esposa pelo apoio, compreensão e companheirismo nestes anos do curso.

A minha filha por aceitar as muitas vezes que eu tive que dizer: agora papai não pode brincar porque precisa estudar.

As professoras Francisca de Assis Souza e Maria do Socorro Borba, pela disposição em ajudar, pelos ensinamentos e pelas orientações essenciais para a elaboração desse trabalho.

A todos os demais professores e bibliotecários que de alguma forma contribuíram para a consolidação dos conhecimentos que foram adquiridos ao longo do curso.

“A leitura é uma fonte inesgotável de prazer, mas por  
incrível que pareça,  
a quase totalidade não sente esta sede.”  
Carlos Drummond de Andrade

## **RESUMO**

Trata da formação do leitor numa perspectiva da família, escola e biblioteca. Enfoca elementos positivos e negativos para a prática da leitura e formação do leitor em cada um desses ambientes. Destaca a leitura do texto escrito em detrimento de outros tipos conhecidos de leitura. Objetiva colaborar para uma reflexão maior e com mais subsídios sobre os níveis de leitura no Brasil e como cada uma dessas instituições poderá contribuir para a formação de leitores, melhorando assim esses níveis. Relata algumas ações do governo federal para o incentivo a leitura e formação do leitor. Descreve a experiência particular de leitura do autor e de sua filha demonstrando a importância da família escola e biblioteca nesse processo. Conclui destacando a importância de parcerias entre essas instituições e seus atores para que se consolide a população brasileira como uma sociedade de leitores.

Palavras-chaves: Formação do leitor. Leitura. Biblioteca. Família. Escola.

## ABSTRACT

It is concerned with the formation of the reader in a perspective of the family, school and library. It focuses positive and negative elements for practical of the reading and the formation of the reader in each one of these environments. It detaches the reading of the text written in detriment of other known types of reading. Objective to collaborate for a bigger reflection and with more subsidies on the levels of reading in Brazil and as each one of these institutions will be able to contribute for the formation of readers, being thus improved these levels. It tells to some actions of the federal government for the incentive the reading and formation of the reader. It describes the particular experience of reading of the author and its son demonstrating the importance of the family school and library in this process. It concludes detaching the importance of partnerships between these institutions and its actors so that if it consolidates the Brazilian population as a society of readers.

Keywords: Formation of the reader. Reading. Library. Family. School.



## LISTA DE SIGLAS

CNLD	Comissão Nacional do Livro Didático
COLTED	Comissão do Livro Técnico e Livro Didático.
EJA	Educação de Jovens e Adultos.
FAE	Fundação de Assistência ao Estudante.
FENAME	Fundação Nacional de Material Escolar.
FNDE	Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação.
IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística.
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INL	Instituto Nacional do Livro
INAF	Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional
MEC	Ministério da Educação e Cultura.
OEI	Organização dos Estados Ibero-Americanos.
ONG	Organização Não Governamental.
PLIDEF	Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental.
PNBE	Plano Nacional de Biblioteca Escolar
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático.
PNLL	Plano Nacional do Livro e Leitura
TO	Tocantins
TV	Televisão
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
USAID	Agência Norte Americana para o Desenvolvimento Internacional.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>LEITURA E LEITOR.....</b>	<b>14</b>
<b>3</b>	<b>FORMAÇÃO DO LEITOR UM DESAFIO CONSTANTE.....</b>	<b>22</b>
3.1	Histórico.....	23
<b>4</b>	<b>PRERROGATIVAS DA FAMÍLIA NA FORMAÇÃO DO LEITOR....</b>	<b>37</b>
<b>5</b>	<b>ESCOLA: AMBIENTE ESTIMULANTE PARA A LEITURA.....</b>	<b>44</b>
<b>6</b>	<b>BIBLIOTECA FOMENTANDO A HÁBITO DE LER.....</b>	<b>48</b>
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>52</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>53</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema formação do leitor, escolhido para esse trabalho monográfico, surgiu a partir de discussões que ocorreram desde as primeiras disciplinas no curso de Biblioteconomia e também porque este pesquisador trabalha como professor do ensino fundamental na rede pública de ensino.

Acredita-se ser essa uma preocupação de todo professor. O que fazer para os alunos gostarem de ler? Por menor que seja a leitura que é solicitada, os alunos fazem logo uma cara de pesar como se uma extraordinária dificuldade estivesse sendo-lhes imposta. Esse é um tema muito abrangente e não se pretende aqui esgotá-lo.

Há o interesse de participar dessa discussão e contribuir para que os leitores a quem esse trabalho possa interessar tenham um pouco mais de subsídios de apoio às suas reflexões. Acredito que esse é um assunto ao qual precisam dar atenção os pais, professores e demais profissionais ligados à educação, bibliotecários e também o poder público.

Para dar um direcionamento a esse trabalho e facilitar o entendimento do mesmo, trabalharemos com as seguintes questões: De que forma a família poderá contribuir para a formação do leitor? A formação do leitor é uma responsabilidade somente da escola? Qual o papel da biblioteca na formação do leitor?

Partindo dessas questões, objetiva-se analisar a participação da família, escola e biblioteca e seus atores como parceiros na formação do leitor e, conseqüentemente, no desenvolvimento social das pessoas.

Tratar-se-á da formação do leitor com foco na leitura do texto escrito. Sendo assim, serão abordados aspectos concernentes à alfabetização, entendendo-a como ponto de partida para essa formação.

Apesar das lutas travadas no Brasil contra o analfabetismo, através de campanhas, projetos educacionais, e investimentos no setor público e privado, percebe-se que ainda existe em nossa sociedade um grande número de analfabetos, analfabetos funcionais e ledores, ou seja, aqueles que apenas decifram os códigos da

escrita, mas não têm habilidades de interpretação. Apenas um número de pessoas relativamente pequeno desfruta do privilégio de terem se tornado leitores.

É tema de discussão entre professores em todos os níveis de ensino, em nosso país, a dificuldade que se tem quando se trata de levar os alunos a lerem algum livro ou texto, com a finalidade de embasar os assuntos estudados. Grande parte dos alunos não gosta de ler, tem dificuldade de se concentrar no que está lendo e por isso não consegue interpretar as leituras. Como professor do ensino fundamental na educação de jovens e adultos, pode-se constatar *in loco* essa realidade.

Percebe-se, então, que esse fato influencia negativamente o processo de ensino-aprendizagem, acarretando uma série de problemas individuais como: dificuldade em qualificar-se profissionalmente, dificuldade em prosseguir com os estudos, auto-estima prejudicada, marginalização, entre outros.

A escolha desse tema foi se consolidando ao longo do Curso de Biblioteconomia da UFRN, pois em várias disciplinas o tema foi abordado; mas foi nas disciplinas Estudo do Usuário e Biblioteca Escolar e Formação do Leitor que foi realmente definido. Através dessas disciplinas percebeu-se que esse problema possivelmente tem trazido sérias conseqüências para indivíduos e também para a sociedade. E que precisa ser resolvido, ou pelo menos enfrentado, pois, uma sociedade desinformada é uma sociedade onde os indivíduos têm dificuldade em tomar decisões, passando a serem manipulados de diversas formas, principalmente pela classe que controla os meios de comunicação de massa.

Foi utilizada como metodologia a pesquisa bibliográfica em literaturas especializadas e material on-line, buscando conceituar os termos *leitor* e *leitura* nos contextos da escola, da biblioteca e da família, com uma visão voltada para a formação do leitor.

No capítulo 2 aborda-se os termos leitura e leitor e as conceituações desses termos no contexto social brasileiro. Aborda-se também a situação atual da leitura no Brasil e algumas ações que foram levadas a efeito no sentido de melhorar os índices de leitura em nosso país.

No capítulo 3 analisa o grande desafio de formar leitores em uma população imensa como é o caso do povo brasileiro, com todas as suas características individuais de cada região e de cada grupo social levando-se em conta as diferenças sociais, religiosas, econômicas, culturais e muitas outras.

No capítulo 4 faz uma abordagem das prerrogativas familiares na formação do leitor, aspectos positivos e negativos desse ambiente e são relatadas as experiências familiares do pesquisador no âmbito da leitura, fazendo um paralelo com o que se encontra registrado e é defendido por alguns estudiosos na área.

No capítulo 5 a escola é apresentada como ambiente que se destaca na função de colaborar para que a formação do leitor de efetive, fazendo com que os alunos consolidem o gosto pela leitura que os ajudará na vida acadêmica e se perpetuará como um importante diferencial na vida cotidiana.

No 6º Capítulo denominado “Biblioteca Fomentando o hábito de ler” destaca-se a biblioteca, tanto a pública quanto a escolar, como instituições de fundamental importância para que se fomente o acesso à informação e se dinamize o fluxo informacional dentro ou fora das escolas. Aborda-se também de maneira sucinta a situação atual das bibliotecas no Brasil, e a importância do profissional bibliotecário comprometido com as funções sociais da biblioteca, para que se conquistem às mudanças que se fizerem necessárias nas bibliotecas e nos planos do governo concernentes à leitura, tudo isso visando o crescimento e desenvolvimento social.

Esse tema torna-se relevante pelo fato de que é através do acesso à informação e do hábito de leitura que se consolida a cidadania e conseqüentemente se conquistam melhorias: no desempenho profissional, na qualidade de vida e nas relações sociais.

## 2 LEITURA E LEITORES: TIPOS E FORMAS

A leitura é um dos fazeres mais antigos do ser humano. Tem sido interpretada por muitos apenas como o ato de decodificar conjuntos de letras.

Geralmente pensa-se em leitor como aquela pessoa que ama as letras, vive com um livro na mão e lê a todo o momento; aquele que, como dizem alguns, “devora” os livros. Sendo assim, relaciona-se em geral o ato de ler, com as letras e os livros. Diversos estudiosos, porém, discordam desse ponto de vista, tratando a leitura como algo muito mais abrangente do que somente a decodificação dos símbolos da escrita. Mas o que é leitura, então?

Segundo Martins (1988) existem três níveis de leitura: a sensorial, a emocional e a racional.

Para Martins o nível racional de leitura é aquele no qual se alimenta a idéia de que leitura pressupõe apenas a decodificação do código alfabético. Sendo assim, se aceita o fato que esse nível de leitura só acontecerá após a alfabetização, ou seja, após o individuo adquirir a capacidade de reconhecer cada letra, e os sons e significados que ela pode gerar em associação com outras letras, e palavras com outras palavras e um conjunto de frases, e assim por diante.

Quando se entende que a leitura é um ato que engloba todos os sentidos, e que se desenvolve a partir do momento que se passa a fazer uso deles, então se aceita o fato de que a leitura inicia-se na vida de uma pessoa muito antes da alfabetização. Assim, as referências mais elementares do ato de ler estão ligadas ao ato de ver, tocar, sentir, ouvir, saborear, cheirar etc. A esse tipo de leitura dá-se o nome de leitura sensorial. Sendo assim, o ser humano passa a ler já nos primeiros momentos de contato com o mundo. Assim se inicia sua história de leitura: ler às cores, as formas, as imagens, os cheiros, os sons. Começa a reconhecer e interpretar esses elementos que passarão a fazer parte do seu acervo mental e que serão os facilitadores para interpretações mais complexas, que aparecerão posteriormente.

“Ler é, portanto, muito mais do que a decodificação do código escrito. Ler é compreender, é atribuir significado – às palavras e ao mundo.” (MARTINS, 1988, p. 64)

No nível emocional de leitura, segundo Martins (1988), a ênfase se dá no campo sentimental. Coloca-se empatia no texto, cena, imagens etc. que está sendo lida, como se o leitor estivesse vivendo a situação e as circunstâncias vivenciadas pelos personagens da leitura.

Ainda salienta a autora que estes níveis de leitura, apesar de distintos, acontecem de forma simultânea no ato de ler. Há uma completa interação entre eles, não havendo nenhuma imposição de hierarquia, e que dependendo do leitor e de seus conhecimentos e vivências anteriores, destaca-se um dos níveis, tornando a leitura uma experiência singular para cada leitor.

Como salienta Souza (1999, p. 135)

A leitura é uma experiência muito ampla que inclui a própria percepção do mundo e as diferentes formas de compreender os ambientes. Essa percepção que o homem tem do mundo encontra no livro a melhor forma de registro, fazendo-nos capazes de apreender, organizar e construir o conhecimento.

A amplitude que se dá através da leitura e o leque de possibilidades que se abre a partir de informações escritas irá depender do arcabouço de experiências, leituras e vivências anteriores de cada leitor, aprimorando seu conhecimento de mundo e sua percepção dos ambientes ao seu redor.

Ainda sobre a leitura, Scheffer (2002, p. 553, 571) afirma:

A leitura é entendida como a ação que aciona no indivíduo mecanismos que lhe permitiram apreender, associar, interpretar e assimilar para, posteriormente reelaborar a mensagem apresentada, constituindo-se em elemento transformador e possibilitador de várias descobertas.

A leitura é, portanto, a feliz experiência do ser humano, através da qual ele alcança o conhecimento de si mesmo, dos outros e da forma como os outros pensam, e também do mundo, ambiente no qual ele está inserido. E o livro, então, é esse conduto através do qual essas experiências são compartilhadas e socializadas, consolidando novos conhecimentos.

Como a preocupação que norteou a criação desse trabalho é o baixo índice de leitores em nossa sociedade e os aspectos relacionados a sua formação, trabalharemos diretamente com o nível de leitura racional, aquela na qual a pessoa precisa ser alfabetizado para poder tornar-se leitor. Seria o leitor do texto escrito.

Saber ler e escrever nem de longe indica o domínio da leitura e da escrita. Na década de 50, alfabetizada era a pessoa que, segundo a UNESCO, fosse capaz de ler e escrever, mesmo que somente frases simples. No fim da década de 70 surgiu um novo conceito, o de alfabetismo funcional. O termo designa aquele que é capaz de utilizar a leitura e escrita para suas demandas no dia-a-dia, dentro de seu contexto social e atividades tanto no trabalho quanto em casa.

O IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) também passou a divulgar esse índice na década de 90, com base no número de séries escolares cursadas. Desta forma, pessoas com menos de quatro anos de escolaridade seriam analfabetas funcionais. Já na Europa e Estados Unidos, considera-se de oito a nove anos.

Entendendo que a leitura do texto escrito depende do nível de alfabetização de uma pessoa, achou-se interessante apresentar resultados da Pesquisa INAF (Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional), feita pelo Instituto Paulo Montenegro, que é uma ONG (organização não governamental) voltada para assuntos relacionados à Educação, e que funciona junto ao IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística), juntamente com a ONG Ação Educacional. Tal pesquisa ocorreu nos anos 2000 a 2003, e nela se verificou a existência de diferentes níveis de alfabetização. A partir de 2002, além de verificar os níveis de leitura e escrita foi acrescentada também à pesquisa a capacidade de realizar cálculos.

A pesquisa foi feita com 2000 pessoas de 15 a 64 anos de todo o Brasil, tanto em área urbana quanto rural. Foram realizadas entrevistas pessoais com questionário e teste que faziam com que os entrevistados lessem e destacassem informações, quando solicitados.

Os resultados em 2003 não são muito diferentes dos obtidos em 2001, conforme mostra a tabela abaixo:



**Quadro 1 - Evolução dos níveis de analfabetismo - leitura e escrita - 2001 – 2003**

Evolução do analfabetismo	2001	2003	Diferença
Analfabetos	9%	8%	1 ponto percentual
Alfabetismo Nível 1	31%	30% -	1 ponto percentual
Alfabetismo Nível 2	34%	37%	3 pontos percentuais
Alfabetismo Nível 3	26%	25%	1 ponto percentual

Fonte: Site do MEC (Ministério da Educação)

As definições para cada nível pesquisado são os seguintes: Analfabetismo: não sabe ler nem escrever. Alfabetismo Nível 1: só identifica frases separadas. Alfabetismo Nível 2: consegue ler textos curtos, claros; escreve cartas e pequenos bilhetes. Alfabetismo Nível 3: domínio completo, facilidade para localizar informações em textos.

"É esperado que não aconteçam transformações muito drásticas, porque os padrões culturais não mudam tão rapidamente". Afirma a secretária-executiva adjunta da ONG Ação Educativa, Vera Massagão.<sup>1</sup>

O que vale destacar é que apenas entre a população com pelo menos oito anos de estudo os níveis básico e pleno de alfabetismo ultrapassam 80%. Além disso, o índice de analfabetos encontrados é o mesmo registrado pelos censos do IBGE, onde as pessoas se declaram desta forma.

"Ainda não dá para falar em uma tendência de queda no número de analfabetos absolutos, mas esperamos que ele diminua e que progressivamente os índices elementares aumentem", diz, Márcia Cavallari.<sup>2</sup>

Uma coisa deve ficar claro não basta diminuir o número de analfabetos. O foco agora deve estar na formação de leitores; pessoas que assimilem a importância do ato de ler, e se dediquem a essa prática para o desenvolvimento social.

A leitura tem o poder de diminuir as diferenças, levando as pessoas a uma participação mais efetiva e afetiva no meio social.

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1998), com Bacharelado e Licenciatura em Letras - Português e Espanhol - pela Universidade de São Paulo (1980).

<sup>2</sup> Diretora executiva do Ibope – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística, e especialista nesta área.

Ler é somar-se ao mundo, é iluminar-se com a claridade do já decifrado.[...] A leitura guarda espaço para o leitor imaginar sua própria humanidade e apropriar-se de sua fragilidade, com seus sonhos, seus devaneios e sua experiência. A leitura acorda no sujeito dizeres insuspeitados enquanto redimensiona seus entendimentos [...] Ler é cuidar-se rompendo com as grades do isolamento. Ler é evadir-se, com o outro, sem, contudo perder-se nas várias faces da palavra. Ler é encantar-se com as diferenças. (QUEIROZ, 1999, p.23-24)

A compreensão do mundo no qual se vive é uma necessidade essencial na atualidade, e a leitura é o grande facilitador dessa compreensão. A leitura é libertadora, abre os horizontes cria novas possibilidades, suaviza o pensamento, dá novo sentido a coisas, levando o leitor a uma nova situação e em muitos casos a ser uma nova pessoa.

A seguir, dados mais recentes sobre a situação da leitura no Brasil:

O brasileiro lê, em média, 4,7 livros por ano, segundo dados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, do Instituto Pró-livro, apresentados no dia 28 de maio de 2008 em seminário nacional ocorrido em Brasília, divulgado pela mídia impressa e eletrônica.

Outros dados relevantes da pesquisa são os divulgados pela agência de notícias Contee (2008, não paginado), esclarece que:

O universo da pesquisa foi de 172,7 milhões de pessoas, das quais 95,6 milhões foram consideradas leitoras, o que significa ter lido pelo menos um livro nos últimos três meses. Desse total, 54% deles são estudantes que lêem as obras indicadas pela escola.

Ou ainda, como informa Amanda Ciegliniski (2008, não paginado), repórter da Agência Brasil, que “quase metade (45% ou 77 milhões) dos 172,7 milhões de brasileiros abrangidos pela pesquisa Retratos da Leitura no Brasil não leram nenhum livro nos últimos três meses”.

Segundo Jô Ribes (2008, não paginado), do jornal a notícia-TO, “o estudo constatou que somente a leitura de livros indicados pela escola, o que inclui os didáticos, mas não só, chega a 3,4 livros per capita. A leitura feita por pessoas que não estão mais na escola ficou em 1,3 livro por ano”. Comentando esse dado, Galeno

Amorim, coordenador da pesquisa, afirma ter ela mostrado “que depois da fase escolar há um distanciamento da leitura. A escola precisa trabalhar um pouco mais na tarefa de criar leitores que gostem de ler e que continuem a ler depois que saem da escola”, veicula o jornal Contee (2008).

Constata-se, assim, oficialmente, o que a maioria já parece saber: que o brasileiro lê pouco. E os poucos que lêem o fazem não espontaneamente, mas como parte das obrigações de estudante.

Segundo Perrotti (1999) leitores são aqueles que visualizam o texto como uma “tábua rasa” sem necessidade de aprofundamento, fazem a leitura apenas mecanicamente sem o interesse em interagir com ela ou mesmo em recriá-la. Já os leitores seriam pessoas em constante busca de saberes, que gostam de estar bem informados e sentem prazer em ler, posicionam-se diante do texto, julgam e comprometem-se com o que lêem.

Apesar de os dicionários não fazerem distinção entre os termos leitores e ledores, os estudiosos da leitura e afins distinguem os termos, tratando leitor como aquele que lê com aprofundamento e que tem facilidade de interagir com o texto lido e até com os autores. Já o ledor seria aquele que lê superficialmente e que possui dificuldade até de interpretar o que lê.

Como afirma Prado (1999), se ler para solucionar problemas práticos, para nos informar, para nos divertir, para estudar, para escrever ou revisar o próprio texto.

A leitura, portanto, tem o poder de informar, formar, transformar, e também deformar. Contata-se o poder que tem a leitura pelas mudanças que se desencadeiam no mundo a partir da explosão bibliográfica advinda da imprensa de Gutenberg. Fatos com a Reforma Protestante, o Iluminismo, As Revoluções Industriais, a Revolução Francesa e muitos outros, chegando hoje a Globalização, foram possíveis graças a essa simples atividade humana a leitura.

A prática da leitura acontece a partir das necessidades inerentes a cada ser humano segundo afirma Britto (1999, p. 99): “De fato o sujeito vai ler aquilo que tenha relação como o seu modo de vida, com suas necessidades pessoais e profissionais, com os vínculos culturais e sociais”.

A leitura acontece então pelas mais variadas razões, e em diferentes tipos de textos e suportes dependendo da situação vivida pelo leitor e pela forma disponível de leitura.

A leitura é uma experiência muito ampla que inclui a própria percepção do mundo e as diferentes formas de compreender os ambientes. Pode-se ler as diversas manifestações da natureza, as estações do ano os astros e estrelas no céu etc.

Estudos globais encomendados pela UNESCO permitiram identificar quais os fatores críticos no estabelecimento do hábito de leitura de um povo ou de uma pessoa: *Ter nascido numa família de leitores; ter passado a juventude num sistema escolar preocupado com o estabelecimento do hábito de leitura; o preço do livro; o acesso ao livro e o valor simbólico que a população lhe atribui.* (FIORE 1999, p. 119)

Esses fatores são relevantes e podem servir para nortear planos e ações a se seguir quando se pensa em formação de leitor ou mesmo em melhorias sociais de uma comunidade. Percebe-se também por esses fatores que se faz necessário um trabalho no sentido de conscientizar pais, professores ou profissionais ligados à educação, e aqui incluímos os bibliotecários e também os produtores de livros, sobre a importância da leitura e de que se facilite o acesso ao livro e à leitura.

O hábito da leitura está, assim, diretamente relacionado à educação, tanto a doméstica quanto a escolar.

Para Condini (1999, p. 131) educar é:

[...] partilhar o saber acumulado como forma de ampliar ainda mais os horizontes da humanidade, provendo a formação necessária afim de que, seres biogenicamente equipados para observar, pensar e expressar os fatos e coisas do tempo e espaço em que vivem, possam, desenvolver-se em sua plenitude, passando da condição de ser virtual para ser real, ou seja: de um ser de inteligência inata para o ser de inteligência cultural, socialmente construída.

A educação é uma atividade cotidiana e perene para a humanidade e depende de cada um como indivíduos e todos enquanto grupos sociais. Educados são aqueles que, aprenderam a se relacionar bem com o mundo a sua volta, que consegue se expressar de maneira a se fazer entendido, que sabe opinar na lutar pela

sobrevivência de maneira amigável e cordial. A leitura é fator preponderante nesse processo.

Segundo Bandeira (1999, p. 139-140):

Nosso eterno subdesenvolvimento deve-se a nossa ignorância. [...] Nosso desenvolvimento e nossa felicidade só podem ser atingidos na medida do desenvolvimento de nossa capacidade de ler, de entender o que está escrito, de saber como fazer, transformando-nos efetivamente em leitores, em pessoas que saibam ler criticamente, argumentando, discutindo e posicionando-nos diante das idéias expostas nos textos.

Tem-se que concordar com Bandeira quando o mesmo observa o nível de leitura dos países desenvolvidos e compara com os subdesenvolvidos. Percebe-se então nos subdesenvolvidos um número quase insignificante de leitores e um alto índice de analfabetismo. Nas pesquisas apresentadas nesse capítulo, fica claro a infeliz situação em que se encontra o nosso país, (o Brasil) com relação à leitura e conseqüentemente seu nível de desenvolvimento. Tem-se ainda índices altos de analfabetos, analfabetos funcionais e de leitores.

Faz-se necessário o entendimento por parte dos brasileiros que através da leitura ele poderá encontrar respostas para sua necessidade e ansiedades, desde coisas simples até as mais complexas inerentes ao seu cotidiano.

Esse fato, o baixo índice de leitura, que tem impedido nosso desenvolvimento precisa ser enfrentado pela sociedade através das famílias pelo poder público através das escolas e bibliotecas e seus atores como se verá nos capítulos seguintes.

### **3 FORMAÇÃO DO LEITOR: UM DESAFIO CONSTANTE**

Partindo do pressuposto de que para formar leitores é preciso ensinar a ler. Esse desafio – a formação do leitor – foi por muitos anos enfrentado apenas com a criação e dinamização de programas e práticas de alfabetização, achando-se, talvez, que ao aprender a ler o indivíduo se tornaria automaticamente um leitor. Apesar da inegável importância desse primeiro passo para a formação do leitor, constatou-se, ao longo dos anos, que a grande maioria das pessoas alfabetizadas não se tornaram leitoras. Surgiram, então, os termos ledores ou analfabetos funcionais, como já foram citados.

Os programas de alfabetização têm na questão da formação do leitor uma importância fundamental e imprescindível, mas se faz necessário que existam práticas que dêem continuidade a esse processo, e que depois de alfabetizadas as pessoas – crianças, jovens ou adultos – sejam levadas a sentir prazer em ler. Nesse sentido, é necessário que haja uma união de forças no enfrentamento desse desafio.

A formação do leitor não é, portanto, responsabilidade de um grupo específico de pessoas. É preciso que haja uma cooperação de diversos grupos sociais e profissionais, de forma que se comprometam com as questões relacionadas à formação do leitor. Família, escola, biblioteca e seus atores, apoiados pelas autoridades governamentais e organizações não governamentais devem estar unidos no enfrentamento do desafio que é a formação de uma sociedade de leitores.

Apresenta-se a seguir um histórico das ações do governo na criação de programas e metas para incentivar a produção e disseminação do livro e da leitura e conseqüentemente da formação do leitor, como encontra-se divulgado no site do MEC.

### 3.1 Histórico

1929 - O Estado cria um órgão específico para legislar sobre políticas do livro didático, o Instituto Nacional do Livro (INL), contribuindo para dar maior legitimação ao livro didático nacional e, conseqüentemente, auxiliando no aumento de sua produção.

1938 - Por meio do Decreto-Lei nº 1.006, de 30/12/38, o Estado institui a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD), estabelecendo sua primeira política de legislação e controle de produção e circulação do livro didático no País.

1945 - Pelo Decreto-Lei nº 8.460, de 26/12/45, o Estado consolida a legislação sobre as condições de produção, importação e utilização do livro didático, restringindo ao professor a escolha do livro a ser utilizado pelos alunos, conforme definido no art. 5º.

1966 - Um acordo entre o Ministério da Educação (MEC) e a Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (USAID) permite a criação da Comissão do Livro Técnico e Livro Didático (COLTED), com o objetivo de coordenar as ações referentes à produção, edição e distribuição do livro didático. O acordo assegurou ao MEC recursos suficientes para a distribuição gratuita de 51 milhões de livros no período de três anos. Ao garantir o financiamento do governo a partir de verbas públicas, o programa revestiu-se do caráter de continuidade.

1970 - A Portaria nº 35, de 11/3/1970, do Ministério da Educação implementa o sistema de co-edição de livros com as editoras nacionais, com recursos do Instituto Nacional do Livro (INL).

1971 - O Instituto Nacional do Livro (INL) passa a desenvolver o Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental (PLIDEF), assumindo as atribuições administrativas e de gerenciamento dos recursos financeiros até então a cargo da Colted. A contrapartida das Unidades da Federação torna-se necessária com o término do convênio MEC/USAID, efetivando-se com a implantação do sistema de contribuição financeira das unidades federadas para o Fundo do Livro Didático.

1976 - Pelo Decreto nº 77.107, de 4/2/76, o governo assume a compra de boa parcela dos livros para distribuí-los a parte das escolas e das unidades federadas. Com a extinção do INL, a Fundação Nacional do Material Escolar (FENAME) torna-se responsável pela execução do programa do livro didático. Os recursos provêm do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e das contrapartidas mínimas estabelecidas para participação das Unidades da Federação. Devido à insuficiência de recursos para atender todos os alunos do ensino fundamental da rede pública, a grande maioria das escolas municipais é excluída do programa.

1983 - Em substituição à FENAME, é criada a Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), que incorpora o PLIDEF. Na ocasião, o grupo de trabalho encarregado do exame dos problemas relativos aos livros didáticos propõe a participação dos professores na escolha dos livros e a ampliação do programa, com a inclusão das demais séries do ensino fundamental.

1985 - Com a edição do Decreto nº 91.542, de 19/8/85, o PLIDEF dá lugar ao Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que traz diversas mudanças, como: Indicação do livro didático pelos professores; Reutilização do livro, implicando a abolição do livro descartável e o aperfeiçoamento das especificações técnicas para sua produção, visando maior durabilidade e possibilitando a implantação de bancos de livros didáticos; Extensão da oferta aos alunos de 1ª e 2ª série das escolas públicas e comunitárias; Fim da participação financeira dos estados, passando o controle do processo decisório para a FAE e garantindo o critério de escolha do livro pelos professores.

1992 - A distribuição dos livros é comprometida pelas limitações orçamentárias e há um recuo na abrangência da distribuição, restringindo-se o atendimento até a 4ª série do ensino fundamental.

1993 - A Resolução FNDE nº. 6 vincula, em julho de 1993, recursos para a aquisição dos livros didáticos destinados aos alunos das redes públicas de ensino, estabelecendo-se, assim, um fluxo regular de verbas para a aquisição e distribuição do livro didático.



1995 - De forma gradativa, volta à universalização da distribuição do livro didático no ensino fundamental. Em 1995, são contempladas as disciplinas de matemática e língua portuguesa. Em 1996, a de ciências e, em 1997, as de geografia e história.

1996 - É iniciado o processo de avaliação pedagógica dos livros inscritos para o PNLD 1997. Esse procedimento foi aperfeiçoado, sendo aplicado até hoje. Os livros que apresentam erros conceituais, indução a erros, desatualização, preconceito ou discriminação de qualquer tipo são excluídos do Guia do Livro Didático.

1997 - Com a extinção, em fevereiro, da Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), a responsabilidade pela política de execução do PNLD é transferida integralmente para o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). O programa é ampliado e o Ministério da Educação passa a adquirir, de forma continuada, livros didáticos de alfabetização, língua portuguesa, matemática, ciências, estudos sociais, história e geografia para todos os alunos de 1ª a 8ª série do ensino fundamental público.

2000 - É inserida no PNLD a distribuição de dicionários da língua portuguesa para uso dos alunos de 1ª a 4ª série em 2001 e, pela primeira vez na história do programa, os livros didáticos passam a ser entregues no ano anterior ao ano letivo de sua utilização. Os livros para 2001 foram entregues até 31 de dezembro de 2000.

2001 - O PNLD amplia, de forma gradativa, o atendimento aos alunos portadores de deficiência visual que estão nas salas de aula do ensino regular das escolas públicas, com livros didáticos em Braille.

2002 - Com o intuito de atingir em 2004 a meta de que todos os alunos matriculados no ensino fundamental possuam um dicionário de língua portuguesa para uso durante toda sua vida escolar, o PNLD dá continuidade à distribuição de dicionários para os ingressantes na 1ª série e atende aos estudantes das 5ª e 6ª série.

2003 - O PNLD distribui dicionários de língua portuguesa aos ingressantes na 1ª série e atende aos alunos das 7ª e 8ª série, alcançando o objetivo de contemplar todos os estudantes do ensino fundamental com um material pedagógico que os

acompanhará continuamente em todas as suas atividades escolares. É distribuído, também, Atlas Geográfico para as escolas que possuem, concomitantemente, EJA e turmas de 5ª a 8ª série do ensino regular.

2004 - É feita distribuição de livros didáticos de todos os componentes curriculares aos alunos de 1ª a 4ª série; de dicionários aos alunos de 1ª série e aos repetentes da 8ª série e a última reposição e complementação do PNLD 2002 aos alunos de 5ª a 8ª série. Também são entregues cerca de 38,9 milhões de dicionários aos estudantes, para uso pessoal. O dicionário é de propriedade do aluno, que pode compartilhar a fonte de pesquisa com toda a família.

2005 - São distribuídos livros didáticos de todos os componentes curriculares de 1ª série, 2ª a 4ª série reposição e complementação e a todos os alunos de 5ª a 8ª série.

A partir de 2005, a sistemática de distribuição de dicionários é reformulada, de maneira a priorizar a utilização do material em sala de aula. Assim, em vez de entregar uma obra para cada aluno, o FNDE fornece acervos de dicionários a todas as escolas públicas de 1ª a 4ª série do ensino fundamental. As obras também passam a ser adaptadas ao nível de ensino do aluno, da seguinte forma: Dicionários do tipo 1 - com 1 mil a 3 mil verbetes, adequados à introdução das crianças a este tipo de obra; Dicionários do tipo 2 - com 3,5 mil a 10 mil verbetes, apropriados a alunos em fase de consolidação do domínio da escrita. Dicionários do tipo 3 - com 19 mil a 35 mil verbetes, direcionados para alunos que já começam a dominar a escrita. As turmas de 1ª e 2ª série recebem dicionários do tipo 1 e do tipo 2, enquanto as de 3ª e 4ª série recebem os do tipo 2 e 3. Nas redes públicas que adotam o ensino fundamental de nove anos, o primeiro grupo é formado pelos alunos de 1ª a 3ª série e o segundo grupo, pelos de 4ª e 5ª série.

2006 - Distribuição de livros didáticos de todos os componentes curriculares de 1ª série; a segunda complementação do PNLD/2004 aos alunos de 2ª a 8ª série e a primeira reposição e complementação do PNLD 2005 aos alunos de 5ª a 8ª série. Foram adquiridos dicionários destinados às bibliotecas das escolas. Distribuição na escola de 1ª a 4ª série, dicionário enciclopédico ilustrado trilingüe - Língua Brasileira

de Sinais/Língua Portuguesa/Língua Inglesa aos alunos que tem surdez e utilizam a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

2007 - O FNDE adquire 110,2 milhões de livros para reposição e complementação de matrículas para 2ª a 4ª série (3º ao 5º ano) e a grade completa para alunos de 1ª e 5ª a 8ª série (1º e 2º e 6º ao 9º ano) para beneficiar, no ano letivo de 2008, 31,1 milhões de alunos de 139,8 mil escolas públicas. Também compra dicionários trilingües português, inglês e libras para fornecer aos alunos com surdez das escolas de ensino fundamental e médio. Os alunos com surdez de 1ª a 4ª série também recebem cartilha e livro de língua portuguesa em libras e em CD-rom.

São adquiridos, ainda, 18,2 milhões de livros para 7,1 milhões de alunos de 15,2 mil escolas públicas de ensino médio. Seguindo a meta progressiva de universalização do livro para o ensino médio, o atendimento do livro didático amplia-se com a aquisição de livros didáticos de história e de química. A grade é completada em 2008, com a compra de livros de física e geografia.

2008 - Distribuição de livros didáticos de todos os componentes curriculares, alfabetização, língua portuguesa, matemática, história, geografia e ciências de 1ª, 5ª a 8ª série e reposição e complementação aos alunos de 2ª a 4ª série.

Todos esses planos estão atrelados ao MEC através do FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação.

O FNDE é uma autarquia do Ministério da Educação que tem como missão prover recursos e executar ações para o desenvolvimento da Educação, visando garantir educação de qualidade a todos os brasileiros.

O FNDE tem como valores a transparência, a cidadania e o controle social, a inclusão social, a avaliação de resultados, e a excelência na gestão.

Entre seus principais desafios estão a eficiência na arrecadação e gestão do salário-educação (maior fonte de recursos da educação fundamental), na gestão dos programas finalísticos e nas compras governamentais, além da busca permanente de parcerias estratégicas e do fortalecimento institucional.

Os recursos do FNDE são direcionados aos estados, ao Distrito Federal, aos municípios e organizações não-governamentais para atendimento às escolas públicas de educação básica.

O FNDE também libera recursos para diversos projetos e ações educacionais, como o Brasil Alfabetizado, a educação de jovens e adultos, a educação especial, o ensino em áreas remanescentes de quilombos e a educação escolar indígena.

Programas federais se articulam para distribuir livros e favorecer a criação de bibliotecas, salas e cantinhos de leitura nas escolas. A formação de professores faz parte das metas: é preciso saber ensinar o prazer da leitura

Incentivar nas crianças e nos professores o gosto pela leitura e pelo saber é o principal objetivo do Ministério da Educação ao propor ações que componham uma Política de Formação de Leitores que democratize o acesso de alunos e professores à cultura e à informação, contribuindo, dessa forma, para o fomento à prática da leitura e para a formação de professores e alunos leitores.

Em 1997 foi instituído, no MEC, o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), com o objetivo de democratizar o acesso de alunos e professores à cultura, à informação e aos conhecimentos socialmente produzidos ao longo da história da humanidade. Desde então são distribuídos acervos formados por obras de referência, de literatura e de apoio à formação de professores às escolas do ensino fundamental. Esta foi a contribuição do MEC para o fomento à prática de leitura. Mas a mera distribuição de livros para criar e compor uma biblioteca na escola se mostrou pouco eficaz para atingir o objetivo de formar professores e alunos leitores.

No decorrer das várias edições do PNBE, o MEC definiu a distribuição dos acervos, ora com foco na biblioteca escolar - caso do PNBE/1998, 1999 e 2000 - e ora no aluno - caso do PNBE/2001 2002 e 2003. Em 2005 foi distribuído acervo para as bibliotecas de todas as escolas públicas brasileiras que atendem às séries iniciais do ensino fundamental. O número de títulos de cada acervo teve como base as matrículas de cada escola. O acervo dirigido às séries iniciais do ensino fundamental incluiu obras para alunos que estão em fase de alfabetização.

Em 2006 foram atendidas 46.700 escolas com aproximadamente 14 milhões de alunos de 5ª a 8ª série ou de 6ª à 9ª série, dependendo de o sistema de ensino já estar oferecendo o ensino fundamental de nove anos. Escolas com até 150 alunos recebem 75 livros. Entre 151 e 300 alunos recebem 150 livros. Escolas com mais de 300 alunos recebem 225 livros.

O Ministério da Educação ampliou o atendimento do Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE. A educação infantil e o ensino médio, também, passaram a receber livros do PNBE. Com isso, cerca de 30 milhões de alunos brasileiros são beneficiados com os novos acervos literários, adquiridos em 2007 e distribuídos entre abril e maio de 2008.

Os acervos são distribuídos às escolas públicas de educação infantil, às que oferecem as séries iniciais do ensino fundamental (1ª a 4ª série ou 1º ao 5º ano) e às escolas do ensino médio das redes públicas municipais, estaduais, federal e do Distrito Federal.

A distribuição dos acervos se dá conforme o número de alunos matriculados no estabelecimento de ensino.

#### **Educação infantil**

- Escolas que tenham até 150 alunos – 1 acervo com 20 títulos
- Escolas que tenham entre 151 e 300 alunos – 2 acervos com 40 títulos
- Escolas que tenham mais de 301 alunos – 3 acervos com 60 títulos

#### **Ensino fundamental – séries iniciais**

- escolas com até 250 alunos – 1 acervo com 20 livros
- escolas que tenham de 251 a 500 alunos – 2 acervos com 40 títulos
- escolas que tenham de 501 a 750 alunos – 3 acervos com 60 títulos
- escolas que tenham de 751 a 1.000 alunos – 4 acervos com 80 títulos
- escolas que tenham mais de mil alunos – 5 acervos com 100 títulos

#### **Ensino médio**

- Escolas que tenham até 500 alunos – 1 acervo (139 livros)
- Escolas de 501 A 1000 alunos – 2 acervos (278 livros)
- Escolas acima de 1mil alunos – 3 acervos ( 417 livros).

Na educação infantil, serão beneficiados 5 milhões de alunos de 85 mil escolas. No ensino fundamental, serão beneficiadas 127 mil escolas com 16 milhões

de estudantes. Já no ensino médio, serão beneficiados 7 milhões de alunos de 17 mil escolas.

Educação infantil e ensino fundamental receberão acervos compostos por textos em verso (poemas, quadras, parlendas, cantigas, trava línguas, adivinhas), em prosa (pequenas histórias, novelas, contos, crônicas, textos de dramaturgia, memórias, biografias), livros de imagens e de histórias em quadrinhos, entre os quais se incluem obras clássicas da literatura universal adaptadas ao público infantil.

Os acervos do ensino médio são compostos por obras de referência na área de Ciências da Natureza e Matemática (física, química, biologia e matemática), na área de Ciências Humanas (filosofia, sociologia, geografia e história), na área de Códigos e Linguagens (gramática da língua portuguesa, educação física e artes) e obras de literatura brasileira e portuguesa.

As escolas da educação infantil das redes estaduais e municipais, bem como as Secretarias de Educação, recebem, também, a publicação *Literatura na Infância: imagens e palavras*, que apresenta os acervos para a educação infantil do PNBE/2008.

Receberam, também, a publicação da pesquisa: Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE): leitura e biblioteca nas escolas públicas brasileiras.

Hoje, além da distribuição de livros às escolas, o MEC busca implementar uma Política de Formação de Leitores, em uma parceria que valorize a autonomia de Estados e Municípios, buscando assim reverter a tendência de restrição ao acesso aos livros e à leitura, como bem cultural privilegiado, a limitadas parcelas da população. As idéias e conceitos básicos que norteiam esta política foram apresentados pelo MEC em dez seminários regionais realizados em 2005, para discussão com os sistemas de ensino, eles geraram a publicação: *Política de Formação de Leitores*, em três volumes:

Essa Política, posteriormente, deu origem a algumas ações do governo com a finalidade de fomentar a leitura de forma mais abrangente, entre essas ações surgiu o PNLL:

O Plano Nacional do Livro e Leitura — PNLL — é um conjunto de projetos, programas, atividades e eventos na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas em desenvolvimento no país, empreendidos pelo Estado (em âmbito federal, estadual e municipal) e pela sociedade. A prioridade do PNLL é transformar a qualidade da capacidade leitora do Brasil e trazer a leitura para o dia-a-dia do brasileiro. Neste primeiro momento, está compilando, sistematizando e divulgando as ações em prol do livro e da leitura realizadas no país através de seu Mapa de Ações. A partir deste mapeamento, criam-se condições para o intercâmbio e a sinergia entre ações similares e potencializam-se recursos públicos e privados, priorizando-se algumas ações macro que se tornem o motor para o desenvolvimento, nos próximos anos, de uma Política de Estado para o Livro e Leitura.

Todas as ações que visem melhorar os índices de leitura do nosso povo, precisam estar baseadas na ideologia de que é a partir da formação do leitor que vão surgir as transformações sociais a liberdade de pensamento e a conquistada cidadania, como enfatiza Perrotti (1999 p. 33).

A formação de uma sociedade leitora envolve não somente a criação de instituições indispensáveis a sua constituição (escolas, bibliotecas, editoras, livrarias entre outras) como também uma reflexão aprofundada sobre a natureza dessas instituições, o sentido de suas orientações e de suas práticas.

Que ideologia encontra-se por traz dessas ações? Será que todas essas ações do governo têm mesmo essa prerrogativa de criar uma sociedade leitora, mais livre com mais poder de decisão, e que vislumbrem novos horizontes? Que tipo de individuo se quer formar?

Quem é então o leitor essa pessoa que se quer formar? Segundo Perrotti (1999, p.40) é aquele que:

Tem olhos e ouvidos ávidos, que tem boca e um desejo urgente de expressão, já que se posiciona, julga, compromete-se intensamente com o que lê. [...] o leitor é caçador que efetua saques em campos alheios, tentando assim acalmar sua fome de sentidos e significações. A errância é seu destino, já que onde vislumbra um novo sentido lá estar ele para um novo saque.

No PNLL encontra-se o seguinte

Ganhamos todos, com isso, afinal é sabido que a leitura estimula o nosso raciocínio e nossa capacidade de discernimento. Quem a cultiva qualifica sua relação não apenas com a literatura, mas com todas as outras linguagens artísticas, o patrimônio material e imaterial e os saberes tradicionais. Compreende também mais profundamente a riqueza das culturas populares. Por isso, a prática leitora é fundamental para a promoção da nossa diversidade cultural. A leitura certamente qualifica a relação do indivíduo com os outros indivíduos, com a saúde, com a televisão e o computador, com a cidade e com o meio ambiente, com a política e com a economia, constituindo-se como uma base sólida para o desenvolvimento de uma cultura de discernimento e de diálogo, e para a construção de um ambiente social qualificado, participativo, pacífico e democrático. É o que esperamos do Brasil que estamos construindo, tendo a cultura como importante fator de seu desenvolvimento. (Gilberto Gil Ministro da Cultura PNLL 2002)

Faz-se necessário que os brasileiros desde os mais influentes aqueles que têm o poder de decisão, que são chamados autoridades, até os mais simples os homens e mulheres comuns do povo percebam a leitura com a mesma visam que teve o então Ministro da cultura Gilberto Gil, como um instrumento fundamental para o desenvolvimento cultural, que facilita e qualifica as relações entre os indivíduos e com as diversidades culturais. ntes

Como há muito já dizia Monteiro Lobato<sup>3</sup>. "Uma nação se faz com homens e livros" Essa é uma verdade que foi com certeza assimilada pelas autoridades do nosso país.

Percebe-se que existe uma preocupação governamental com relação a formação do leitor em nosso país, não podemos dizer que nada foi feito. Tantos programas criados, tantas ações desenvolvidas.

Criou-se programas de alfabetização, foram distribuídos os livros didático para quase todos os níveis de ensino, criou-se o Programa Nacional de Bibliotecas Escolares, foram distribuídos acervos, para cada escola, é bem verdade que esses acervos eram insuficientes para a quantidade de alunos e que não se tinha as

---

<sup>3</sup> O maior escritor infantil brasileiro de todos os tempos, José Bento Monteiro Lobato, nasceu em 18 de abril de **1882**, em Taubaté (SP). uma de suas obras mais famosas é O Sítio do Pica Pau Amarelo. Morreu em 4 de julho de **1948**



condições necessárias para disponibilizá-los aos alunos, mas eles estavam na escola.

Tanto esforço despendido na formulação desses programas tanto dinheiro gasto para que tudo isso fosse levado a efeito, mas, quais são os resultados? Ainda não somos uma sociedade de leitores.

Entre os problemas que dificultam o processo de formação do leitor do Brasil está a falta de vontade política. Parece uma contradição entre o que disse no parágrafo anterior e o que estou escrevendo agora. Deixe-me explicar existe vontade política desde a formulação dos programas até sua execução, mas não existe vontade suficiente para acompanhar os programas, de forma que se for necessários eles sejam incrementados, reelaborados, modificados, reestruturados, até que seus objetivos sejam alcançados.

Parece-me que se criam nesse país programas extraordinários que convencem não somente aqueles que tem o poder de decisão em mãos mas também a sociedade em geral, de que é preciso que se gaste altas somas de dinheiro para se alcançar tais objetivos. O que acontece é que logo após a liberação desses incalculáveis recursos, esses objetivos se perdem de vista ou deixam de existir.

Em consequência disso, a realidade é a quase inexistência de bibliotecas escolares e públicas, e quando elas existem são em sua quase totalidade de baixa qualidade, com acervos insuficientes e desatualizados a mobília é o que não serve para ser utilizados em outras áreas das escolas e os funcionários são os que estão em fins de carreira ou com problemas de saúde, que os impossibilitam de desenvolver suas funções.

Os planos do governo apresentados anteriormente, alguns deles nem cita o nome bibliotecário, parece-me que ainda não faz parte do pensamento das autoridades desse país e nem daqueles que fazem o ministério da educação, que existe um profissional específico que foi formado e qualificado para lidar com essa questão no âmbito das instituições de ensino e nas unidades de informação.

Percebe-se também que existe por trás desses planos um interesse comercial de livreiros e produtoras de livros, que se sobrepõem ao interesse da formação de

leitores. Não houve nenhuma preocupação se as escolas que receberiam os acervos disponham de espaços e pessoal disponíveis para se trabalhar esse acervo, e em muitos casos os livros ficaram encaixotados da forma como chegaram até darem o bicho ou o mofo e serem descartados, em outros casos o acervo foi colocado dentro de um armário e trancado para não se extraviar, pois não havia pessoas disponíveis para fazer o controle para utilização.

Poucas escolas tiveram condições de dar continuidade a esse processo de forma adequada. Outro aspecto a ser citado é o preço do livro. Monetariamente falando a classe baixa e até a classe média da população brasileira percebe uma renda que mal dá para a satisfação das necessidades básicas e não sobra dinheiro para comprar livros. Além disso, não temos a cultura de ler, pois viemos de gerações de não leitores. Um número muito pequeno da nossa população veio de família que tinham a cultura da leitura.

Segundo Serra (1999, p.46-47)

[...] é a biblioteca pública que está aberta aos interesses das pessoas durante toda a vida, e é através dela que a população tem condições matérias para se formar leitora. A ausência de bibliotecas públicas modernas no país, com bons acervos e bibliotecários preparados para atender à necessidade de leitura e de informação da população, tem sido um elemento de entrave na formação do leitor.

O espaço, a biblioteca, o acervo, de qualidade, o profissional especializado e qualificado são elementos essenciais na formação do sujeito leitor. Sem que esse conjunto de coisas aconteça simultaneamente, o processo todo fica prejudicado. O que se percebe é que quando existe um desses elementos, falta o outro, e aí o processo fica manco e não se alcança o objetivo.

Ser leitor na sociedade moderna é uma necessidade para a consolidação da cidadania e para a inclusão social, segundo Brito (1999, p. 98) “Saber ler é uma necessidade objetiva do sujeito moderno, na medida em que a leitura está implicada por muitas práticas sociais, e a impossibilidade de realizá-la impede, em alguma medida, o sujeito de participar delas”.

Não basta criar certas condições quanto à leitura; é necessário dedicar esforços à formação do leitor para despertar nele o interesse de ler, estimular uma

atividade positiva e gosto pelos livros, e facilitar o acesso a materiais e atividades que consolidem seus hábitos de leitura.

Além disso, pode-se afirmar também que o profissional da informação muitas vezes não é formado para ser um propagador de uma política de leitura. Experiências de países desenvolvidos comprovam que, para a formação de um público leitor, é imprescindível que o profissional responsável tenha conhecimento não só do acervo, mas da própria produção editorial do seu país, e também das necessidades informacionais do seu usuário em potencial, para atendê-lo adequadamente.

Portanto, salienta Serra (1999, p 48), para formar leitor não basta ensinar a ler. Isto, segundo ele, a escola e seus atores têm feito ao longo dos anos. É preciso que se criem as condições necessárias de acesso permanente ao livro para que se consolide o que Serra chama de leiturização. Pois, segundo o autor, a falta de uso das habilidades que se adquirem com a alfabetização leva a uma estagnação e até, em alguns casos, ao retrocesso.

Serra (1999, p. 48-49) indica alguns componentes que precisam fazer parte das estratégias usadas na formação do leitor:

Oportunidades de contato com textos de qualidade através de muitas, muitas bibliotecas, escolares e públicas incentivando com o apoio da mídia- televisão, rádio , jornal -, a população brasileira a freqüentar bibliotecas, como direito do cidadão, criando espaço para o desenvolvimento de uma cultura de bibliotecas; Valorizar socialmente a leitura e a escrita informando sobre a sua importância e ampla dimensão social, desvelando a sua presença em produtos de cultura de massa onde não é percebida, como na criação das telenovelas ou na atuação de artistas famosos através da TV, teatro, cinema, música, a fim de torna-las – a leitura e a escrita – desejáveis e necessárias a vida; Investir maciçamente na formação leitora e escritora dos professores, principalmente os do ensino fundamental, colocando o tema da leitura e da escrita como básico na formação do magistério.

Diante do que foi abordado neste capítulo, e consciente da importância da informação para o desenvolvimento profissional, social, cultural e religioso, entre outros, percebe-se o quanto que a leitura é essencial, para que, de posse dessa habilidade, ele, o leitor, encontre as informações de que sentir necessidade para o seu desenvolvimento pessoal.

Sendo assim, torna-se um dever social das autoridades e dos educadores em todos os níveis, familiar, escolar, universitários, e também dos educadores bibliotecários a conscientização da população, concernente à importância da leitura.

No capítulo “PRERROGATIVAS DA FAMÍLIA NA FORMAÇÃO DO LEITOR”, aborda-se a família e seus atores como sendo os primeiros responsáveis para que esse ambiente seja também um ambiente de leitura despertando nas mentes infantis o apego ao livro e o gosto pela leitura.

#### 4 PRERROGATIVAS DA FAMÍLIA NA FORMAÇÃO DO LEITOR

A leitura é importante em todos os contextos sociais e em todas as formas. Os níveis de leitura: sensorial, racional e emocional ao ocorrerem simultaneamente colaboram, para a riqueza no momento da leitura. O gosto pela leitura se processa em longo prazo e o enfoque aqui se dá na contribuição familiar na transmissão do valor da leitura enquanto prática social necessária para a vida, além do modo como as famílias tratam a questão da leitura em seu cotidiano.

Aborda-se a família enquanto unidade e fragmento da sociedade. Unidade porque se constitui em um grupo fechado de pessoas, e fragmento por que faz parte de um grupo maior que se fragmenta, a sociedade. Nesse contexto, a família é vista como uma unidade que desenvolve laços fortes de convivência e que em sua maioria mantém afinidades em seus pontos de vista, princípios e gostos.

É na família que se inicia a construção de valores necessários à sua manutenção, desde valores religiosos, éticos, morais e até os de conduta. Sendo, portanto, uma miniatura da sociedade, a família se fortalece como espaço privado de vivência, e é nesse interior do novo modelo familiar que o gosto pela leitura se intensifica. O gosto pela leitura se constitui em atividade adequada a esse contexto de privacidade doméstica.

A privacidade doméstica coopera para o conforto, sentimento de proteção, ligação afetiva e traços comuns de comportamento além dos de parentesco e sanguíneo. A leitura ganha status como ritual que reúne a família ao redor da mesa para leitura do texto religioso. Nesse momento o gosto pela leitura começa a ser transmitido na esfera familiar. Família torna-se ambiente e personagens fundamentais, no despertar do sujeito leitor.

O ideal é que a criança mesmo antes de ler, trave contato com os livros, manipule-os, aprecie as ilustrações, interprete o que está vendo à sua maneira. Isso é uma forma inteligente de despertar-lha gosto, que depois se traduzirá pelas primeiras e definitivas leituras. Pensar que isso possa acontecer em idades mais avançadas apresenta pouca probabilidade de sucesso embora casos se registrem. (NISKIER, 1999, p.18)

O gosto pela leitura e pelos livros deve preceder o gosto pelos brinquedos e pela TV. É importante que pais que desejam que seus filhos gostem de ler, estejam dispostos a trilhar um caminho em geral diferente daquele no qual ele mesmo foi criado, e que a partir do nascimento, ou mesmo antes, já se comece a criar um acervo próprio para aquele novo ser que está chegando.

É importante que o bebê, desde os primeiros dias de vida, seja acostumado a ouvir histórias contadas pela mãe, pai ou parentes e ao mesmo tempo visualize o livro no qual a história está sendo lida. É importante também que o bebê tenha os livros à mão para pegar, folhear, e visualizar as gravuras.

A indústria editorial tem criado muitos livros e coleções que são próprios para essa fase da vida, inclusive livros de pano e de plástico que podem ser usados a qualquer momento e até na hora do banho.

Deixar para desenvolver o gosto pela leitura em outras fases da vida será sempre mais complicado e trabalhoso.

Como exemplo do que foi citado acima, se fará um breve relato da própria experiência de leitura, e em seguida a experiência vivida pela família do pesquisador com relação à história de leitura de Rosane, sua filha.

A mãe do pesquisador concluiu curso de Magistério, a nível médio, e era uma pessoa que gostava de ler. O pai, apesar de ter feito somente as séries iniciais do ensino fundamental, tornou-se um excelente representante comercial e posteriormente um comerciante de êxito na cidade de Caruaru. Apesar do tempo muito escasso pelas diversas atividades que desenvolvia, tinha sempre um livro de cabeceira e um livro em sua pasta de trabalho. Gostava de indicar livros para que os filhos pudessem ler e comprava coleções de livros para a família.

Teve-se o privilégio de ser criado em uma casa espaçosa, confortável, onde havia estantes repletas de livros, mas o que realmente prendia a atenção da família eram aparelhos de TV, localizados em vários cômodos da casa.

Aos 14 anos de idade, por problema familiares houve a separação dos pais do pesquisador, e os seis filhos que ainda moravam em casa com eles, passaram a

moram sozinhos em um kitinete na cidade do Recife, no qual só cabia os pertences de cada um e claro os livros.

Foi então que sem ter nenhuma outra opção de entretenimento, só restaram os livros aos quais nos dedicamos quase que inteiramente, e eles passaram a ser o assunto principal. Cada um queria contar para o outro as histórias, os relatos que estavam lendo. Os sentimentos eram tantos que se percebeu tempo perdido em frente à TV, enquanto os livros estavam cheios de informações instrutivas, alegres, educativas e prazerosas.

Esgotando o estoque de livros que se tinha começou a pedir livros emprestados às pessoas com quem se tinha contato. Descobriu-se também a Biblioteca Pública que ficava no Parque 13 de Maio, no centro do Recife, e passou-se a freqüenta-la. Foi nesse contexto que se teve a oportunidade de se tornar leito pois até então minhas leituras eram superficiais. O fato de ver a mãe lendo e saber que o pai gostava de livros, por estar sempre adquirindo livros para a família, não foram suficientes para se tornar leitor, quando se tinha a televisão e outros confortos à disposição da família.

Com relação à filha do pesquisador o método foi diferenciado. A consciência da importância da leitura para o ser humano, desta família, fez com que se tomassem decisões, quanto à formação dela, e mesmo antes dela nascer adquiriu-se um pequeno acervo iniciando com uma coleção muito especial chamada “As Belas História da Bíblia”, que traz as histórias contidas no relato bíblico, narradas e ilustradas de forma especial para crianças e que muitas vezes prendem a atenção mesmo na condição de adultos. Para crianças o suporte da informação tem que ser especial, então adquiriu-se também livro de pano e de plástico e diversos outros de histórias e contos clássicos. Procurou-se desenvolver o gosto da leitura pois, a cada dia, alguém ler alguma história para ela, sempre mostrando as figuras. É interessante como ela aprende as histórias e, em seguida, lê sozinha, ou conta para si mesma ou para suas bonecas. Para complementar seu aprendizado, foi adquirido jogos com letras de vários tamanhos e materiais, emborrachado, madeira e outros.

Um dado relevante observado em relação à filha do pesquisador diz respeito ao manuseio do material, ela diferentemente da maioria das crianças com quem se

convive, não tinha a intenção de rasgar revistas e livros logo quando os pegava. Não houve problemas desse tipo, pois ela sempre estava interessada em olhar e descobrir o que continha os livros e revistas. A sua educação também permeia as brincadeiras com seus brinquedos, programas educativos de TV e a leitura de fontes impressas tais como livros de historinhas infantis.

Quando se vai a um parque ela fica feliz, mas se a opção for uma biblioteca ou uma livraria ela também fica feliz ao chega à seção de literatura infantil fica ali, horas e horas olhando os livros.

Ela completou quatro anos em 2008, e pode-se dizer que está aprendendo a ler de forma espontânea. Não frequenta a escola ainda, porque decidiu-se que ela irá quando isso for necessário, quem sabe já para cursar a primeira série do ensino fundamental, mas o contato com os livros, as gravuras, as letras, fez com que ela desenvolvesse a habilidade de ler as palavras mais simples sem que fosse necessário um esforço extra da parte dos pais. Não há nenhuma rotina especial para que ela aprendesse a ler, apenas se contava histórias se respondia as perguntas dela com relação às letras. Também quando estávamos brincando com os jogos de letras ia-se formando algumas das palavras que ela já conhecia através das histórias.

A iniciação com as maravilhanças de uma história acontece, em geral, adentrando pelos ouvidos da criancinha. É a voz da mãe, do avô, do tio visitante, da primeira professora que chama sussurrante para a gostosura de se embalar na lindura dum conto de fadas, num episodio da Bíblia ou na magia duma lenda, dum poema brincante, na aventura de outra criança parecida com ela... Se a história for acalentadamente contada o encantamento envolve abraçante e o gostinho de quero mais e mais... permanece marcante e marcado. (ABRAMOVICH 1999, p. 61)

A experiência vivida através da criação da filha do pesquisador é endossada pela autora citada anteriormente. A mesma é educadora formada pela USP (Universidade de São Paulo) e escritora de diversos livros voltados ao publico infanto-juvenil e adolescente, e tem em suas apresentações e escritos enfatizado a importância da família para o desenvolvimento do gosto pela leitura. Esse “gostinho de quero mais” de que fala a autora é que despertará o interesse pela leitura.



Nascer numa família de leitores é um acidente biográfico bastante raro no Brasil, mesmo entre as famílias de alto poder aquisitivo, o que significa que qualquer política de expansão da leitura no Brasil passa pelo *estímulo à formação de bibliotecas familiares*. Apesar de esse ser um ponto sobre o qual é difícil agir, temos bons motivos para não desanimar. Pesquisa realizada pela Editora Abril Cultural, no início da década de 80 com compradores de livros e fascículos vendidos em bancas, demonstraram que 60% deles – pessoas de profissões modestas como motoristas, garçons e auxiliares de enfermagem – vêm nestas enciclopédias e coleções, compradas com sacrifício, uma forma de financiar a ascensão social de seus filhos. (FIORE, p. 120, grifo do autor)

Ao desenvolver-se em um ambiente onde os livros são valorizados e as pessoas dedicam parte do seu tempo em ler, possivelmente essas crianças irão desenvolver o gosto pela leitura. Porém, se os responsáveis pelas crianças não apreciam a leitura, é necessário encontrar alternativas para desenvolver nas crianças o gosto e o hábito de ler.

O leitor formado na família, segundo Vieira (2008), tem um perfil um pouco diferenciado daquele outro que teve o contato com a leitura apenas ao chegar à escola. O leitor que se inicia no âmbito familiar demonstra mais facilidade em lidar com os signos, compreende melhor o mundo no qual está inserido, além de desenvolver um senso crítico mais cedo, o que é realmente importante na sociedade.

O leitor formado no âmbito familiar como verificamos anteriormente se mostra diferente em termos de perfil daquele que tem contato com a leitura apenas na escola. Pela facilidade e familiaridade com os signos, com o alfabeto, com a escrita e com a própria leitura torna-se mais fácil e recorrente termos novos leitores que se estenderão por toda a caminhada literária. A facilidade e a familiaridade com os signos advêm das relações estabelecidas nessa pretensa comunidade de leitores, a família. (VIEIRA, 2008, p. 5)

É preciso fazer do livro um companheiro com o qual se possa dividir o tempo e os espaços nos quais costumamos passar a vida. Através dessa convivência vai se desenvolver uma amizade, e essa amizade trará conhecimentos, experiências e maturidade.

Importante é ficar com o livro, como enfatiza Abramovich (1999, p. 63)

Importante é escolher o lugar para se ficar com o livro trazido. Esparramado no chão, deitado na cama, encostado nas almofadas, apertado na cadeira, balançando na rede. Cada leitor sabe onde é mais gostoso, mais sossegado,

mais abraçante se largar com as suas páginas cobiçadas ou tratar de ser rápido para engolir as infinitas páginas obrigadas... e dar uma paradinha para pensar nos acontecentes ou na beleza de uma frase.

Se abordará a seguir aspectos que interferem negativamente na formação do leitor no ambiente familiar.

O mundo apressado e impaciente do dia a dia de quem convive em cidades grandes, leva a pensar que não se dispõe de tempo para leitura. Busca-se estar informado e saber das coisas apenas pela TV, que é um meio de comunicação mais rápido e cômodo. Em muitos casos, se vê TV fazendo outras coisas ao mesmo tempo, ou até nas horas das refeições. Possivelmente os jovens da atualidade, em sua maioria, foram criados vendo seus pais agirem dessa forma, e isso se incorporou a suas práticas de tal forma que aprenderam a confiar nessa fonte de informação. Não é de admirar que ainda hoje a TV esteja sendo o grande empecilho no desenvolvimento de uma sociedade de leitores a partir do ambiente familiar.

A TV tem sido não somente um empecilho na formação de leitores, mas também tem contribuído para uma formação social de baixo nível. Como salienta Niskier (1999, p. 21 ).

Entendo até que a televisão pode ser incriminada nesse processo, com a valorização do linguajar chulo e pobre, característico dos programas humorísticos ou até mesmo via novelas de baixo teor cultural. Sem ser puritano, pode-se acusar a utilização frenética de palavões através do vídeo como um modismo exagerado, criando uma dicotomia no espírito das crianças. Elas são contidas em casa pela educação mais rígida dos pais, mas têm a sua atenção despertada para a valorização dessas palavras na TV ou mesmo nas escolas, onde os “professores moderninhos” incorporam palavras antes proibidas no seu cotidiano. Isso leva a alguma coisa?

A programação da TV brasileira em geral não é educativa. Lutou-se muito nesse país pela liberação da censura e pela democratização dos veículos de comunicação, mas o que se percebe é que essa conquista é mais negativa do que positiva. A cada dia surge um novo programa que, em vez de destacar o correto, o belo, as boas maneiras, valores e princípios que levem a uma melhoria nas relações sociais, só valoriza o ruim, o vulgar, o chulo, o sensualismo, as relações extraconjugais, a violência. E o que é pior, os poucos programas educativos que existem são veiculados nas horas da madrugada, quando a sociedade encontra-se

dormindo. Portanto, além de não ajudar na formação de leitores, a TV brasileira desmancha aquilo que os pais tentam fazer na educação de seus filhos, na verdade ela deseduca a sociedade.

Para tentar resolver a questão dos programas sem qualidade de nossa televisão, os pais aderiram aos *videogames*, e aí se criou outro problema. No afã de conquistar a melhor pontuação ou de aparecer no *ranking* dos melhores colocados em cada jogo, as crianças se tornaram viciadas nos *games* e deixaram meio de escanteio os estudos, a leitura e até a própria família.

No capítulo seguinte “ESCOLA: AMBIENTE ESTIMULANTE PARA A LEITURA”, se fará uma análise sobre o ambiente escolar e o estímulo para a leitura.

## 5 ESCOLA: AMBIENTE ESTIMULANTE PARA A LEITURA

Segundo Silva (1999) a escola é a instituição encarregada pela formação educacional das novas gerações e exerce um papel de máxima importância no processo de formação de leitores.

A escola precisa ser vista como um espaço privilegiado, no qual as pessoas prazerosamente estarão dividindo experiências e adquirindo conhecimentos. Esses espaços têm a finalidade de estimular a sociabilidade entre as pessoas, criando laços afetivos que serão facilitadores na transmissão dos saberes. Como consequência, ocorrerá o desenvolvimento da personalidade individual, crescimento intelectual, social e cultural.

É importante que o projeto pedagógico da escola atenda a todas as áreas de desenvolvimento humano, e não seja somente voltado para questões mentais e de conhecimentos. O ser humano é um todo indissociável, nos aspectos físico, mental, espiritual e social, e as práticas escolares precisam atendê-lo de maneira completa. Quando se trabalha na escola apenas o aspecto mental, a transmissão de conhecimentos, a escola torna-se para a maioria dos alunos um fardo, e muitos se distanciam da escola. Os que permanecem o fazem por questões muitas vezes de obrigação e não por prazer.

A escola, para ser atrativa, necessita já na sua estrutura física ter grandes alterações. É necessário que tenha espaços para o lazer com parque aquático, parque infantil, sala para atividades físicas, academia de ginástica, quadra poliesportiva, sala de jogos, biblioteca, videoteca, salas de música e outros.

É preciso que se crie o coral da escola, a orquestra da escola a banda marcial da escola, que se conheçam os atletas da escola, os times da escola, os escritores da escola, os poetas da escola, os cantores da escola etc..

Por que estou falando essas coisas? Porque com a experiência no assunto, se sabe que a leitura perpassa por todos esses fazeres e que as pessoas lêem aquilo que faz parte do seu interesse e cotidiano. Segundo Prado (1999), se ler para solucionar problemas práticos, para se informar, para se divertir e estudar, e para buscar informações necessárias à vida diária.

Os interesses dos alunos no modelo de escola pública que setem, são sequer descobertos, ou despertados em uma escola onde o tempo com eles é limitado e os recursos são insuficientes. Os alunos em quase a totalidade dos casos não têm nem o direito de dizerem a que vieram! Supõe-se que vieram absorver aquilo que os professores acham que eles devem aprender. Isso prejudica a formação do leitor porque os alunos não vão ler aquilo que eles gostariam, mas aquilo que os professores indicam, sugerem e muitas vezes o que vai ser cobrado em uma avaliação. Sobre esse aspecto Prado (1999) afirma que a escola deve oferecer matérias de qualidade, modelos de leitores e práticas de leitura eficazes.

Se tem conhecimento que algumas escolas privadas têm seguido nessa linha, e conseguem êxito em suas práticas com muito mais facilidade e em índices bem maiores do que os alcançados pelas escolas públicas.

Iniciou-se esse capítulo contextualizando dessa forma, pois como professor da rede pública de ensino se percebe o desânimo dos alunos que se utilizam da escola que o poder público tem oferecido. É também patente à falta de estímulo por parte dos profissionais da educação para se desenvolver um trabalho de qualidade. Como enfatiza Perrotti (1999), enquanto alguns educadores empenham-se em desenvolver projetos inovadores e transformadores, uma grande parte deles encontra-se desestimulada, e desenvolve atividades de forma inconsciente e inconsistente.

Se tem conhecimento, de que um dos principais papéis da escola é ser um ambiente estimulante, onde se consolide o gosto pela leitura, e se desenvolva o hábito de ler, que deverá perdurar na vida após o período estudantil.

Segundo Silva (1999, p. 55)

Não há como negar que a escola, enquanto instituição encarregada pela formação educacional das novas gerações, exerce um papel de máxima importância na preparação de leitores. [...] No que se refere ao condutor do processo de ensino, o professor fala-se em baixa quantidade de leitura. E poderia ser de outra maneira? A corrosão da dignidade desse profissional, revelada principalmente por salários vergonhosos, vem acontecendo no país desde o início da década de 70. a sobrevivência dos abnegados do magistério depende de múltiplos empregos e ou várias funções concomitantes. Não lhe sobra tempo e muito menos energia para ler. Não há dinheiro para a aquisição de livros.

Sendo assim, a formação do leitor no contexto escolar perpassa também por esse grande problema em nosso país, que é a desvalorização do profissional do magistério, e da própria instituição escolar. Além de salários defasados e muito distantes das reais necessidades desse profissional, o descaso das autoridades com a escola é assustador, o profissional não percebe um salário digno e ainda tem que trabalhar com poucos recursos que lhe são disponibilizados, em instalações físicas deterioradas e de péssimas qualidades.

Para Bandeira (1999, p.142):

A tarefa de formar leitores em nosso país cabe quase que exclusivamente a escola; está nas mãos dos nossos professores e professoras, profissionais mal treinados, mal pagos, desmotivados, desrespeitados socialmente. Uma guerra se vence com bons soldados e não com soldados mal alimentados e com salários miseráveis.

Para se vencer a batalha do analfabetismo e do baixo índice de leitura no Brasil é preciso que se valorize a educação pública e seus profissionais. É preciso que a profissão de educador seja tão valorizada quanto outras profissões como as de advogado, médico, engenheiro, entre outras. Afinal, todos esses profissionais dependem, para sua formação, do professor. Sendo assim, a carreira profissional de educador será vista com bons olhos. Para mudar a situação da leitura no Brasil é preciso de multidões de bons professores e de escolas públicas de qualidade. Isso só ocorrerá se esse profissional for devidamente valorizado.

No Brasil em 2008, se enfrenta uma “guerra” no Congresso Nacional com relação ao salário dos professores. Após anos de lutas dessa classe de trabalhadores, conquistou-se um piso salarial nacional, que apesar de melhorar as condições de vida desses trabalhadores, e diminuir as diferenças salariais nas diferentes regiões do país, ainda não representa a valorização que lhe é devida. No entanto, existem entre os parlamentares e governadores brasileiros alguns que querem voltar atrás com o piso nacional e regionalizar o piso, alegando falta de recurso para se pagar os salários dos professores. Essa atitude inconseqüente desses parlamentares não leva em conta que as transformações e melhorias sociais do povo brasileiro dependem da qualidade da educação pública, e que isso só será possível quando se conseguir restaurar a dignidade dos profissionais da educação,

dando-lhes boas condições de vida e trabalho. É fácil diminuir o salário dos outros quando o meu é o mais alto do país e traz atrelado a ele uma série de outros benefícios.

Como afirma Werthein (1999) Nenhum outro ambiente se iguala ao da escola pública de qualidade como locus privilegiado para a aquisição dos instrumentos necessários para uma leitura crítica do mundo.

Esse ambiente torna-se insubstituível. É nele que devem ser firmados os alicerces para que cada aluno inicie sua trajetória em busca da autonomia no processo de aquisição e domínio do saber através da prática da leitura.

Para transformar alunos em leitores, para desenvolver o gosto e afinidade com a prática da leitura, a escola terá que mobilizá-los internamente, através da conscientização e da facilidade de acesso aos diversos suportes escritos. Essa é uma tarefa que requer esforço. Como enfatiza Prado (1999), precisará fazê-los achar que ler é algo interessante e desafiador, algo que conquistado plenamente, dará a eles autonomia e independência.

É nesse contexto que o papel do professor passa a ser primordial e essencial. É importante que o professor seja antes de tudo um leitor, o professor que não lê, dificilmente terá a mente permeada por memórias e sentimentos positivos advindos de suas próprias experiências de leitura e que dêem suporte a sua fala no incentivo à leitura.

Segundo Silva (1988), existem algumas características que são essenciais para uma escola que trabalha de forma efetiva o desenvolvimento do hábito de ler. As características seriam: a existência e manutenção de uma biblioteca escolar, com um acervo que atendam as aspirações, necessidades e interesses de professores, alunos e comunidade escolar; ter bibliotecários atuantes que participem nas decisões curriculares e nos projetos de desenvolvimento comunitário oferecendo serviços de qualidades aos usuários.

O capítulo a seguir “ BIBLIOTECA FOMENTADO O HÁBITO DE LER” será permeado de forma abrangente com a importância deste laboratório nas escolas.

## 6 BIBLIOTECA FOMENTANDO O HÁBITO DE LER

É urgente a necessidade de desenvolver nas crianças e jovens de hoje o gosto pela leitura, antes que eles se tornem adultos iguais à maioria de nossa população, que não gostam de ler e são facilmente controlados pelos meios de comunicação de massa, eternizando essa sociedade com maioria pobre e ignorante.

Segundo Soares e Nascimento (2007), ler é uma das competências mais importantes a serem trabalhadas com o aluno. Entre tudo que o aluno precisa ou deveria aprender na escola, a competência da leitura pelo prazer e pela consciência da importância dessa habilidade para a vida cotidiana e estudantil, deveria figurar como o principal objetivo a ser alcançado pela prática educativa.

A biblioteca pública ou escolar, e as suas práticas no sentido de formar leitores, será a “válvula de escape” desse controle imposto pelos poderosos.

Como afirma Milanesi (1983, p. 98-99)

A biblioteca é uma pausa, é um espaço que se abre para o conflito e a reflexão. Ela não é o consumo fácil da informação, pois exige do seu público uma participação mais reflexiva, transformando-o num agente ativo no acesso aos dados. O público de rádio e TV tem acesso restrito ao patrimônio cultural da humanidade, recebendo as informações vindas no fluxo da indústria cultural. A biblioteca poderá ser a ampliação do acervo cultural que se abre ao público. Por isso, em certo sentido ela é uma alternativa a todas as formas impositivas de saber inclusive a da escola quando assim ela se manifesta.

Pensar na leitura como o ato de libertação do leitor de ampliação de seus horizontes, ou mesmo como uma abertura para novas possibilidades é que nos leva a entender a dimensão da importância da biblioteca, seja ela pública ou escolar. Silva (1999) ressalta esse fato afirmando que a biblioteca escolar é uma estrutura imprescindível para a produção da leitura e formação do leitor.

Milanesi (1983) ressalta que não se pode pensar em biblioteca sem considerar a liberdade de acesso à informação como um direito humano.

Torna-se patente aos olhos de quem queira ver o desrespeito com o qual o cidadão brasileiro é tratado pelo poder público. Um direito do ser humano, o acesso à informação, não lhe tem sido disponibilizado. É uma estrutura imprescindível, a



biblioteca escolar, que não existe na maioria das escolas, ou, quando existe, tem atendido muito precariamente às funções que o nome carrega.

Durante séculos no Brasil a leitura era uma prática apenas das classes sociais privilegiadas, ou seja, daqueles que detinham o poder. Como sociedade, nos demoramos muito a iniciar a luta pela conquista desse direito. E percebe-se, após o início dessa luta, como tem sido lento o processo de democratização da leitura.

Segundo Amato (1989), a institucionalização oficial das bibliotecas escolares em escolas públicas no Brasil se deu em 19 de setembro de 1988 com a portaria nº 410. E somente em 1997 é que foi lançado o Programa Nacional Biblioteca Escolar – PNBE. Passaram-se 10 anos e esse programa não se efetiva de forma convincente. O que se visualiza nas escolas são pequenas salas com algumas estantes e algumas mesas, acervo desatualizado sem tratamento técnico, grandes quantidades de livros didáticos para encher as estantes, e o pessoal que trabalha nessas salas não tem o devido preparo, pois vieram de outras funções para as quais já não serviam.

Percebe-se que o PNBE foi um plano que surgiu no Brasil com a intenção primeira da produção e comercialização de livros, os interesses comerciais sobrepujavam qualquer outro interesse. Pois o plano não contempla a mudança nas estruturas físicas das escolas, a criação do espaço biblioteca com suas especificidades, e também não contempla a contratação de profissionais bibliotecários que foram formados e preparados para lidar com as diversas situações que possam surgir no âmbito da biblioteca.

É preciso que em cada biblioteca escolar tenha em seu quadro funcional, bibliotecários, e que estes, junto com os professores e a equipe pedagógica da escola, criem estratégias que valorizem o fortalecimento das habilidades de leitura para a formação de futuros leitores. Percebe-se a existência de dificuldades tanto em bibliotecas da rede pública de ensino com nas da rede particular para que se dinamizem atividades referentes ao processo de promoção da leitura. É necessário que se faça um trabalho em conjunto: bibliotecários, professores, pedagogos e gestores escolares precisam estar unidos no enfrentamento do desafio de formar futuros leitores.(BORBA 1999).

Sem bibliotecário, como a biblioteca exercerá influência na comunidade escolar no sentido de formar leitores? O professor, o auxiliar de serviços gerais, o agente administrativo, a merendeira, o vigilante não foram formados e qualificados para trabalharem em bibliotecas e lidarem com os acervos e serviços ali desenvolvidos para satisfação dos usuários.

Em 2003, foi votado, pela cúpula dos chefes de Estado de 21 países que fizeram parte na Reunião da OEI (Organização dos Estados Ibero-americanos) que 2005 seria o ano Ibero-americano da leitura e que seria comemorado nestas 21 nações que inclui o Brasil, Portugal, Espanha entre outros. No Brasil, as ações com a finalidade de comemorar em 2005 o Ano Ibero-Americano da Leitura receberam o nome de VIVALEITURA e ficaram a cargo do MEC e da assessoria especial da presidência da república. (VIVALEITURA, 2008).

O VIVALEITURA seria uma grande mobilização nacional para que 2005 fosse o marco para o início de um gigantesco esforço de todos para que o Brasil implementasse uma Política Nacional do Livro, Leitura e Bibliotecas com a dimensão demandada pelo País. E dessa forma, desse o grande salto necessário para construir uma nação de cidadãos leitores.

Foram convocados Governos (federal, estaduais e municipais), escolas, professores, bibliotecários, escritores, editores, livreiros, organizações não-governamentais, meios de comunicação de massa, empresas privadas e todos aqueles que vêem a leitura como uma questão estratégica para a nação, inclusive para promover inclusão e cidadania, para deflagrar um grande movimento nacional.

O ano de 2008 encontra-se findando e pouca coisa mudou com relação às bibliotecas públicas e escolares e O Brasil continua sendo uma sociedade de não leitores.

Cabe então ao bibliotecário lutar pelo seu espaço dentro das escolas, sejam elas públicas ou privadas, e também se engajarem no contexto dos diversos planos e programas de incentivo à leitura criados e desenvolvidos pelo Governo Federal.

A sociedade precisa descobrir que o bibliotecário é o profissional que tem as habilidades e competências para descobrir as necessidades informacionais de uma

comunidade, seja ela escolar social ou empresarial, e partindo dessa descoberta, criar ações estratégicas que facilitem o acesso à informação, contribuindo de maneira eficaz para a formação do leitor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto nesse trabalho, acredita-se que a difícil mas importantíssima tarefa de formar leitores, em uma sociedade onde a leitura e a escrita ainda não fazem parte efetiva de nossa cultura, precisa ser enfrentada através de uma força tarefa onde haja um estreitamento de relações entre os diferentes espaços de leitura.

É fundamental que a família, escola e biblioteca encontrem pontos de contatos e que se articulem criando estratégias para a formação de leitores.

Os profissionais: Professores, bibliotecários, gestores escolares e os pais e responsáveis pelos alunos precisam estar unidos pelo mesmo ideal. Transformar alunos comuns em excelentes leitores. Cada um fazendo a sua parte, conscientes da importância da leitura para o desenvolvimento integral do ser humano. Só assim conseguiremos colocar a sociedade brasileira no caminho das mudanças sociais, da melhoria da qualidade de vida e das relações sociais.

Formar leitores é, portanto uma responsabilidade de todos os adultos leitores, onde quer que eles estejam ou em que função trabalhem. É preciso que se veja a formação de leitores como uma urgente necessidade de nossa sociedade. Usem-se então os conhecimentos de que já se dispõe, a força de vontade e os recursos que forem disponibilizados para que de forma responsável e numa demonstração prática e não só teórica, sobre o que é partilhar bens culturais, implementem-se ações que se consolidem como eficazes para despertar nas crianças, jovens e adultos a consciência de que a prática da leitura trará muitos benefícios.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. ( Cap.10 sem título) In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo. (Org.). **A formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999. Cap. 10, p.61 - 64
- AMATO, Mirian; GARCIA, Neise Aparecida Rodrigues. A biblioteca na escola. In: GARCIA, Edson Gabriel (org.). **Biblioteca escolar: a estrutura e funcionamento**. São Paulo: Loyola, 1989.
- BANDEIRA, Pedro. Esperançando, que é sempre tempo de esperar. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo.(Org.). **A formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999. Cap. 24, p. 139- 143.
- BORBA, Maria do Socorro de Azevedo. A importância da Biblioteca escolar. **Revista do Centro Sócio-econômico**, Belém, v.2, n. 1, p. 1-11, mar.1995.
- BORBA Maria do Socorro de Azevedo. **Interesse de leitura dos adolescentes: a contribuição da escola e da biblioteca**. Natal. EDUFRN 1999.
- BORBA, Maria do Socorro de Azevedo; CUNHA Terezinha Anibas da. Da biblioteca escolar para a biblioteca pública: caminhos democráticos para a formação do leitor In: **SEMINÁRIO DE PESQUISA DO CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS, 9**. Natal. Anais Natal, CCSA/UFRN, 2003.
- BRASIL. Resolução nº 20, de 16 de maio de 2008. Dispõe sobre o Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE. Disponível em: <[ftp://ftp.fnde.gov.br/web/resolucoes\\_2008/res020\\_16052008.pdf](ftp://ftp.fnde.gov.br/web/resolucoes_2008/res020_16052008.pdf)>. Acesso em 30/05/2008.
- BRITO, Luiz Percival Leme. Máximas impertinentes. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo.(Org.). **A formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999. p. 97 -102..
- CIEGLINSKI, Amanda. Pesquisa mostra que 45% dos brasileiros não têm hábito de ler. Notícias. **Agencia Brasil**. Disponível em: <http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2008/05/28/materia.2008-05-28.4425783869/view>>. Acesso em 30/05/2008.
- CONDINI, Paulo. Afinal a formação de que leitor? In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo. (Org.). **A formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999. Cap. 22, p. 129 – 132.
- CONTEE. Disponível em: <<http://www.contee.org.br/noticias/educacao/nedu508.asp>>. Acesso em 30/05/2008

COSTIN, Cláudia. Cidadania e leitura. In: PINSKY, Jaime; CAMPOS FILHO, Cândido Malta(org.). **Práticas de cidadania**. Editora Contexto, 2004. Disponível em <<http://books.google.com.br>>. Acesso em: 08/06/2008.

FIORE, Ottaviano. A formação do leitor, uma tarefa. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo. (Org.). **A formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999. Cap. 21 p. 117 - 127

Instituto ligado ao Ibope divulga os **índices de alfabetismo funcional brasileiro**, mostrando a dificuldade das pessoas para escrever e ler nas atividades diárias  
Publicado em 08/09/2003 - 17:49  
[http://www.universia.com.br/html/materia/materia\\_cbcg.html](http://www.universia.com.br/html/materia/materia_cbcg.html) acessado 28.09.2008

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **A formação da leitura no Brasil**. 3.ed. São Paulo: Ática, 1999. (Série Temas, v.58).

MANIFESTO IFLA/UNESCO PARA BIBLIOTECA ESCOLAR. Traduzido por Neusa Dias de Macedo. Disponível em: < <http://www.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>> Acesso em: 30/maio/2008.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1988. 94 p.

MARQUES NETO, José Castilho. Políticas públicas para o livro e a leitura: Reflexões sobre o tempo presente. Disponível em:  
<[http://www.vivaleitura.com.br/pnl12/noticias\\_show.asp?id=277](http://www.vivaleitura.com.br/pnl12/noticias_show.asp?id=277)> Acesso em: 30/out./2008.

MEC – PNBE. [mec-pnbe.htm](http://portal.mec.gov.br/seb/index.php?option=content&task=view&id=371). Disponível em:  
<<http://portal.mec.gov.br/seb/index.php?option=content&task=view&id=371>> Acesso em 30/10/2008.

MILANESI, Luis. **O que é biblioteca**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

NISKIER, Arnaldo. “um País se faz com homens e livros”. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo. (Org.). **A formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999. Cap. 2, p. 17 – 22.

PERROTTI, E. Leitores, leitores e outros afins (apontamentos sobre a formação do leitor). In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo. (Org.). **A formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999. Cap. 5, p.31- 40.

PRADO, Iara Glória Areias. Para formar leitores na escola. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo.(Org.). **A formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999. Cap.14, p. 81- 84.

PRADO, Jason; CONDINI, Paulo (Org.). **A Formação do Leitor: Pontos de Vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999. 189 p.

QUEIROZ, Bartolomeu Campos. O livro é passaporte é bilhete de partida. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo.(Org.). **A formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999. Cap. 3, p. 23 - 24

RIBES, Jô. O brasileiro lê 4,7 livros por ano. Notícias. **ANOTICIA-TO**. Disponível em: <<http://www.anoticia-to.com.br/noticias.php?IdNoticia=7454>>. Acesso em 30/05/2008.

SCHEFFER, Eliane Maria Kronhardt. *Fortalecendo elos, transformando cidadãos: as relações entre a biblioteca escolar e a comunidade: um estudo na biblioteca Lourenço Filho em Porto Alegre - RS*. In: **1º CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS, BIBLIOTECAS, CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO E MUSEUS**, São Paulo. 17 a 22 de março de 2002. p. 553 – 571. Disponível em: <[http://www.febab.org.br/integrar/integrar\\_2/sessoes\\_comun\\_livres\\_post.html](http://www.febab.org.br/integrar/integrar_2/sessoes_comun_livres_post.html)>. Acesso em: 20 nov. 2008.

SERRA, Elizabeth D'Angelo. O direito a leitura literária. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo. (Org.). **A formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999. Cap. 7, p.45 – 50.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. A Formação do Leitor no Brasil: o novo/velho desafio. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo. **A formação do leitor: Pontos de Vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999. Cap. 9, p. 55-59.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Escola e Família: Elementos fundamentais para o processo de formação do leitor. In: **Leitura & Realidade Brasileira**. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. p. 53-64.

SOARES, Giovanna Costa; NASCIMENTO, Genoveva Batista do. Biblioteca escolar: (re) pensando o seu papel na formação de leitores no contexto. **Biblionline**, João Pessoa, v. 3, n. 2, 2007. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/viewFile/1919/1688>>. Acesso em: 20 nov. 2008.

SOUZA, Paulo Renato. Um ponto de vista. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo. (Org.). **A formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999. Cap. 23, p.133 – 138.

VIEIRA, Letícia Alves. **Formação do leitor: a família em questão**. Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/gebe/downloads/308.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2008.

**Vivaleitura**. Disponível em: <[www.vivaleitura.com.br/pnll2/mapa.asp](http://www.vivaleitura.com.br/pnll2/mapa.asp)>. Acesso em: 10 nov. 2008.

WERTHEIN, Jorge. A UNESCO e a formação do leitor. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo. (Org.). **A formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999. Cap.17, p.93 - 96.